À Beira do Silêncio

(Uma Centena de Experiências em Poetrix)

Xavier Zarco

À Beira do Silêncio

(Uma Centena de Experiências em Poetrix)

I

AGORA

Agora, ao som do mar distante,

adormeço nos braços da noite

como quem morre para renascer.

II

ÁGUIA-PESQUEIRA

Cia rumo ao espelho de água

como quem indaga

do movimento a matriz.

III

ALEGORIA

por entre as mãos

desfiam-se as palavras

na depuração da luz

IV

ALFA

Entre colunas, vejo ao fundo

a escada. Aí, dás-me as

palavras. Eu ensaio o voo.

V

ÂNDROCLES

há um gesto uma palavra

uma semente

o nascimento de um poema

VI

ÂNSIA

alado corpo

na herança

das palavras

VII

ARA

Oculto em teu corpo

há um rumor habitado

nas veias do silêncio

VIII

ARTE

nasce o gesto

a mão mergulha

na água do saber

IX

ARTÍFICE

Entre dedos, o fumo de um cigarro.

Consumo o tempo que me resta

de artífice de memórias.

X

AUSÊNCIA

do barco resta a espuma

moldada pela proa

e o vento de fugida

XI

AVE

Serenamente, se recolhe.

Indaga a fórmula do espanto

incendiando o voo.

XII

BARCO

Há um verso à deriva

na palavra

azul do mar.

XIII

BULÍCIO

No bulício

da cidade, o que faço?

Planto ruas na memória.

XIV

CÁLAMO

onde a metáfora brilha

entre os dedos

na floração das palavras

XV

CAMINHO

Sigo o caminho do poente

vou com o sol e as águas

provar do sal o silêncio

XVI

CAMPONÊS

Antes do início dos tempos

já o camponês arava

a memória em silêncio.

XVII

CANDELABRO

Bailam as chamas:

conjugam a sua extinção

nos lábios do vento.

XVIII

CANTO

No dorso da água, a silhueta

de uma voz, canto de sereia

que me prende à viagem.

XIX

CEIFEIRA

Ao rigor

da jorna, a dor

curvada.

XX

CICLO

O criador cria

a coisa criada

que cria o criador?

XXI

CIFRA

nomeio uma ave ou um rio

mas quero dizer voo e sal

ou o homem e seu desígnio

XXII

CORRIXO

Há um canto, um poema,

a memória de um verso

iluminado na voz do tempo.

XXIII

CRIAÇÃO

o gesto nasce

no respirar

da pedra

XXIV

DECLARAÇÃO

Declaro:

todos os versos são inúteis

sem que o olhar os ilumine.

XXV

DERVISH

a arte de comunicar

a perfeita elipse

o homem como palavra

XXVI

DESEJO OCULTO

Nascem flores ou verbos

imagens de um movimento

para um desejo oculto

XXVII

DESERTO

Onde o nada é luz

e a distância

caminho e contemplação.

XXVIII

DESTINO

O que Diana me fez, sou.

Cumpro meu fado de Actéon

só para ter beleza em meus olhos.

XXIX

DÚVIDA

Onde cabe um sonho

se tudo é o limite e o nada

inexistente?

XXX

ENFORCADO

Aqui jaz o enforcado

o que negou o chão

que o aguardou e o acolheu.

XXXI

ESCADA

Desejo de ascese

degrau a degrau

da sombra à luz.

XXXII

ESCREVO

Escrevo este aflito

não dizer

por que grito.

XXXIII

ESCRIBA

Sob o bailado da trémula

luz da vela, copia, letra a letra,

a letra da memória futura.

XXXIV

ESCULCA

Chove, mas persiste. O mundo

gira, mas fica. Guarda o silêncio

ou talvez um sonho.

XXXV

ESCULTOR

No olhar, não pedra, mas a

forma, o movimento circular

do cinzel que gera o corpo.

XXXVI

ESPELHO

onde a face de narciso

se recolhe, oculta

a palavra se revela.

XXXVII

ESTÁTUA AO POETA DESCONHECIDO

repousam as pombas nos ombros

do poeta ou da noite

que cai dentro do próprio poema?

XXXVIII

FILIGRANA

entrelaçados

na contemplação da jóia

os cabelos do sol

XXXIX

FONTE

Do ventre da pedra,

o segredo da água

sedenta de luz.

XL

FRAGILIDADE

frágeis são as manhãs

as pétalas do orvalho

anunciando a despedida

XLI

GATO

Sobre a ombreira do tempo,

ou num quadro de Foujita,

dorme o gato da infância.

XLII

GERMINAÇÃO

ponto final

parágrafo

o insano ofício de escrever

XLIII

GESTO

Na lentidão do seu gesto

ergue-se do caos

o próprio corpo do oleiro.

XLIV

GRILHÕES

Não voes para lá do olhar,

só podes desejar

o que os sentidos te ofertam.

XLV

GRITO

A mão cinzela a pedra

gera a boca

que silencia o grito

XLVI

ÍCARO

Ícaro não vem.

Sem asas, resignara-se

a voar.

XLVII

ILHA

Um desenho azul

de aves, a ilha, em voo

circular no horizonte.

XLVIII

INTERAMNE

Entre águas, escuta

o insinuante nascer

do rumor do silêncio.

XLIX

INTERMEZZO

Entre astros,

estrelas cintilantes,

o pó.

L

INTERMÚNDIO

Entre mundos, a solidão

de não estar aqui

ou em lado algum.

LI

JOB

Sobre a pedra, aguardo

que o destino desça

este caminho ao meu encontro.

LII

KY-LIN

De súbito, habita

o poema. Depois, o olhar.

Teu ventre iluminado.

LIII

LAREIRA

Ouço crepitar.

Da infância, a voz renasce

no lento fogo da memória.

LIV

LETES

Pétala a pétala, esvai-se

a memória nas margens

deste rio que atravesso.

LV

LIBERDADE

Num sonho de Espártaco, avanço

com asas de Ícaro pelos céus

num fio de luz, de ilusão.

LVI

LUA

Majestosa, regente do mênstruo

e do desejo, a lua

entre nuvens oculta.

LVII

MÃO

Desperta do silêncio

a respiração contida

na pétala de uma pedra

LVIII

MÁSCARA

Máscara é a nudez

do homem definida

com a sua queda.

LIX

MEDO

Sei, não partiste, dormes a meu lado,

mas consumo cada dia

como se fosse, de nós, o último.

LX

MUSA

pergunto-me do verbo

do nascer frágil do poema

e só tua face almejo

LXI

NÁUFRAGO

O poeta é náufrago

por entre a memória

em construção

LXII

NOCTURNO

no uivo da noite

o cão

de breu se veste

LXIII

NOVILÚNIO

Habito o sonho e sinto

a leveza do voo lunar

neste tempo novilúnio.

LXIV

OCASO

Por acaso, o ocaso nasce

no limite do mar

ou na raiz do teu olhar?

LXV

OFERENDA

Vou, como o Eugénio de Andrade,

com as aves. Vou rente aos campos

colher-te, mãe, uma flor, um verso.

LXVI

OFÍCIO

As pedras ofendem o vento.

Este trabalha. Paciente,

espera o desenho e parte.

LXVII

OLEIRO

Entre a mão e o gesto

o despertar do corpo

ou do silêncio.

LXVIII

OMEGA

Águas calmas do poente,

por que me chamas

se para ti navego?

LXIX

ORAÇÃO

Bendito seja o fruto de vossos

lábios de mel, onde a minha sede

se consome, amén.

LXX

OUTONO

folha a folha

pela mão do vento

se desenha o outono

LXXI

PARTIDA

De súbito, trouxeste

a meus olhos

dezembro em pleno agosto.

LXXII

PASTOR

Com ágolo e flauta, o pastor

que guardava as palavras do vento

pelas estrofes do poema.

LXXIII

PAZ FÁTUA

rente à terra

um ramo de oliveira

aguarda a pomba prometida

LXXIV

POEMA

O poema não é as palavras,

voz em silêncio, é esta pedra

que o olhar, em espanto, cinzela.

LXXV

POMPEIA

Sob o tempo, o silêncio

dos amantes

nas cinzas esculpido.

LXXVI

PRESENÇA

habita alguém

na face do poema

no acorde de cada sílaba?

LXXVII

QUADRO

Ao centro da branca parede

emoldurei um sonho, uma janela

com vista para o desejo.

LXXVIII

RACHMANINOV

O mundo pára

enquanto escuto Rachmaninov.

É outono e as folhas pairam.

LXXIX

REGRESSO

Como o barco

ceifei nas ondas o desejo

de regressar.

LXXX

REGRESSO, outro

teço o regresso

nova partida

num ponto de penélope

LXXXI

REPARA

Murmura o sol sobre a planura.

Repara como urde fio a fio

da sombra e da luz o destino.

LXXXII

SAUDADE

Ave que esboça o regresso

no soturno céu

da partida.

LXXXIII

SEARA

Esta é a seara onde

colhes o fruto como verso

do ventre de uma escrinha.

LXXXIV

SEMENTE

Das mãos se desprende o gesto:

a semente que deseja

ser flor, ser fruto.

LXXXV

SEMENTEIRA

Consumo as palavras,

os sentidos das palavras,

no semear do poema.

LXXXVI

SEREIA

Entoa a canção do mar.

Serenamente me recolho

em seu secreto cântico.

LXXXVII

SERPENTE

Entre a maçã e a boca

o gesto

que se dissolve em desejo.

LXXXVIII

SILÊNCIO

liberto

o silêncio pesa

a voz que o pronuncia

LXXXIX

SILÊNCIO, outro

Somente o rumor das águas

e o breve dizer das aves

para romper o hímen do silêncio.

XC

SÍMBOLO

Na mão profunda do ser

reside o símbolo: o que existe

e os sentidos alcançam.

XCI

SIMURGH

Entre o céu e a terra,

una é a essência

porque una é a sua matriz.

XCII

SOMBRA

A sombra salta o muro. Esconde-se

do sol ou aguarda por ti

para te acompanhar.

XCIII

SONHO

No secreto gesto,

que as mãos do desejo despertam,

abre-se o trilho do sonho.

XCIV

TEMPLO

corpo exposto

à semente fecundante

do silêncio

XCV

VELEIRO

O mar azul, súbito branco

nos flancos da areia ou poema,

veleiro em papel no horizonte.

XCVI

VENTO

ouve

habita nas ramagens

a voz do vento

XCVII

VER-TE PASSAR

Ver-te passar

é saber como é breve o tempo

e perene o desejo

XCVIII

VIAGEM

Nos cabelos de um cometa

sonho a viagem

vou de partida

XCIX

VIAJANTE

Entre o pó e o homem

há uma sandália

de um viajante

C

VIANDANTE

Como bagagem

levo a memória

de um caminho a percorrer.

O Autor

Xavier Zarco, pseudónimo literário de Pedro Manuel Martins Baptista que nasceu a 4 de Outubro de 1968 em Coimbra, cidade onde reside.

Publicou "**O Livro dos Murmúrios**" (livro, Palimage Editores, Portugal, 1998), "**No Rumor das Águas**" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2001), "**Acordes de Azul**" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2002), "**Palavras no Vento**" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2003), "**In Memoriam de John Lee Hooker**" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2003), "**Ordálio**" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2004), "**O Guardador das Águas**", Prémio de Poesia Vitor Matos e Sá – 2004, organizado pelo Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (livro, Mar da Palavra, Portugal, 2005), "**O Ciclo do Viandante**" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2005), "**O Fogo A Cinza**", Prémio de Poesia do VII Concurso Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage – 2005, organizado pela LASA – Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão (livro, LASA, Portugal, 2005) e "**Stanley Williams**" (e-book, Virtualbooks, Brasil, 2006).

Poemas seus foram editados em diversos jornais, revistas e antologias de Poesia, para além de estar representado em inúmeros sites na Internet, sendo membro efectivo (cadeira n.º 99) da A.V.B.L. - Academia Virtual Brasileira de Letras.

Em 2004, viu o seu poema "**Hino a Santa Clara**" ganhar o Concurso para a Letra do Hino da Junta de Freguesia de Santa Clara.

Os seus livros, ainda inéditos, "**O Livro do Regresso**" foi agraciado com o Prémio de Poesia Raúl de Carvalho – 2004/2005 da Câmara Municipal do Alvito e ao título "**Monte Maior Sobre o Mondego**", foi atribuído uma Menção Honrosa (Poesia) no Prémio Literário Afonso Duarte - 2004 da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho.